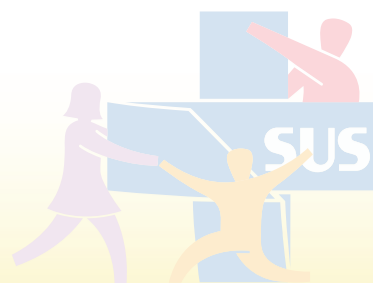




14ª Conferência Nacional de Saúde

Brasília, DF - 30 de novembro a 04 de dezembro de 2011



Cenário Semanal



Versão PDF

» Período: 19/09 a 23/09 de 2011

» Total de inserções: 26.889*

* Números parciais de contatos no período



Detalhamento das inserções de mobilização

[Clique aqui e ouça uma entrada ao vivo](#)

» Total de mobilizações de lideranças/etapa estadual	1.193
» Total de monitoramentos lideranças	25
» Visualização da campanha no site da RMS	3.940
» Inserções ao vivo em emissoras de rádio	492
» Envio de e-mail marketing	18.039
» Envio de boletins de rádio	3.153
» Total de faxes	47



Divulgação no site da RMS

[Clique aqui e veja detalhamento das ações e os depoimentos colhidos de usuários das redes sociais](#)

Total: **3.940** inserções

» Site RMS (Blog):	42 inserções
» Site RMS (Material publicitário):	3.578 veiculações
» Twitter:	46 inserções
» Facebook: (Página):	268 inserções
» Facebook: (Perfil):	06 inserções



Destaques dos depoimentos

[Clique aqui e veja todos os depoimentos na íntegra](#)

Lideranças

"Pela primeira vez, fizeram uma ligação para não ter dinheiro no meio; eu disse assim: vou aceitar isso aqui e no final eles vão pedir para eu contribuir com a saúde. É até de admirar, estou para cair aqui no chão, porque telemarketing, a gente só recebe gente para querer nos 'pegar'.

Meu irmão morreu à míngua na fila do SUS. Ele teve um problema no cérebro e os médicos ficavam enrolando, nunca achavam leito para ele. Eu tinha que levar ele todo dia para o SPA (Serviço de Pronto Atendimento), ele ficava internado durante o dia, eu o levava às 7h da manhã e buscava às 5h da tarde, todo dia. Eu fui ao Ministério Público, pedir leito para ele e não consegui. Depois, já no estado final da doença, eu consegui um leito, mas não deu mais tempo para operar e ele morreu. Eu passei três meses tentando um leito; quando consegui, já estava morto. Ele ficava no SPA porque não tinha condições de ficar em casa, porque não tinha dinheiro para comprar remédio, então ele tinha que ficar hospitalizado. Nos outros hospitais, não tinha vaga; ele ficou internado no Dutra, aqui do Maranhão. Internado assim: a gente ia de manhã, porque lá não tem internação, é SPA, Serviço de Pronto Atendimento, era o que tinha; agora não tem mais, até isso já acabou.

Como não tinha enfermeira para cuidar dele, nem podíamos pagar médico nem nada, eu o levava e ele ficava internado lá. Isso, já nos últimos meses, eu consegui; nos outros meses, fui perambulando com ele nas filas, ele deitado nos corredores dos hospitais, isso nos dois primeiros meses.

Ele só ficou internado 10 dias. Eu acho que não foram nem 10 dias que ele passou.

Falta leito e falta de tudo, havia dia em que não tinha nem álcool para passar no braço dele pra aplicar uma injeção. Não tinha álcool, não tinha esparadrapo, não tinha seringa. Eu tinha que comprar para levar para lá. Quando ele estava internado, toda a medicação dele, quem comprou fui eu. Deveria haver pessoas comprometidas com a saúde, porque eu sei que dinheiro tem, dinheiro vem, o negócio é que as pessoas são desonestas, desviam, retiram medicamentos dos hospitais, roubam; enfermeira sai com sacola cheia de algodão, cheia de esparadrapo, cheia de mertiolate, cheia de tudo. O desperdício é muito grande, o roubo é muito grande; na hora de comprar esse medicamento, ele já vem superfaturado, e quando chega aqui é desviado para outros lugares; tem o desperdício lá dentro, tem o estrago, é tudo isso.

Não tem pessoas comprometidas, não tem gente honesta, não tem gente disposta a cumprir com uma coisa, não levam a coisa com seriedade. É um dinheiro muito caro, nós pagamos impostos. O Brasil é o país que paga o imposto mais caro do mundo. A gente trabalha 8 meses; 4 meses, só para o governo.

Mas isso aí já vem lá de Brasília. Como é que vai melhorar se vem lá de cima, lá dos poderosos? Esse rolo de algodão para o empregado, isso aí é fichinha pequena.

Aqui, com meu irmão, eu ainda consegui alguma coisa, porque tenho clientes que são promotoras públicas. Então, através de uma promotora pública que mandou eu ir lá, mandou que fosse providenciado um leito pra ele, foi que eu consegui, ainda através da promotoria. E quem não tem acesso à promotoria pública? Como é que fica? (...) Me desculpa aí, porque eu tenho muita revolta..."

Irislane Souza
Proprietária do salão – São Luís (MA)